



RESENHAS

DAS METAMORFOSES DO *CICLÓPICO OLHO*: DESEJO E HOMOEROTISMO

Sinei Ferreira Sales* (USP)

Horácio Costa – autor de *Ciclópico Olho* (2011)¹; *Ravenas* (2008); *Paulistanas & Homoeróticas* (2007); *Fracta* (2004); *O Livro dos Fracta* (1990); entre outros livros de crítica e poesia – é atualmente professor da Universidade de São Paulo, atuando na área de Literatura Portuguesa. Na década de 1980, se autoexilou nos EUA, onde fez mestrado pela Universidade de Nova York e doutorado em Yale, partindo posteriormente para o México, onde atuou com docente e pesquisador na Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM. Para além do dado de sua formação como pesquisador, esse período lhe foi bastante profícuo também em razão do estreito diálogo travado com Octavio Paz e outros intelectuais badalados daquele momento que o ajudaram a se repensar como poeta, professor e pesquisador.

Na prática dele, Horácio Costa, como docente, como pesquisador, e como poeta, nota-se um profundo interesse e conhecimento do fenômeno poético, evidenciado no diálogo constante que ele estabelece entre as diversas manifestações artísticas e suas criações. Dentre as eleições dele como autor, percebe-se a poesia como a expressão de um eu que se ficcionaliza na escrita e que tem na página em branco o suporte para os registros de si. Intrínseca a ela há toda uma rede discursiva apropriada e inscrita nos poemas por meio de um complexo jogo intertextual, sem perder de vista o que se entende por cânone literário. É quase uma constante em sua poesia a justaposição, de uma forma bastante peculiar do registro coloquial a temas e estilos elevados e cristalizados pela crítica e pelo tempo, tais quais os veiculados pelo barroco espanhol, de forma a desestabilizá-los e possibilitar leituras outras que libertem a poesia dos excessivos e repetitivos comentários que só esvaziam o discurso poético.

O livro *Ciclópico Olho*, interesse principal dessa resenha, vem nesse sentido reler padrões estéticos e literários, bem como culturais, que se encontram engessados em molduras arcaicas, tal como uma fotografia antiga de família. Digo isso aproveitando uma das imagens que Horácio Costa compõe ao observar uma foto de seus progenitores, em um momento de carinho,



cristalizado por uma câmera fotográfica. A imagem retratada pela foto é a de um casal, homem e mulher apaixonados, buscando guardar para a posteridade um lapso de felicidade, tipicamente burguesa e puritana. No entanto, ao revisitar essa fotografia, depois de anos de autoexílio, de ter estudado no exterior, vivido sua homossexualidade abertamente, o poeta, na voz do sujeito poético do poema "Vista chinesa" nos permite conhecer uma outra leitura, diferente do que propunha a imagem romântica do casal da fotografia: "Sem pose ou biografemas: nada artificial/ na origem desta sociedade, o corpo dele/ inclina-se não sobre, mas para o corpo dela, assim foi prefigurando a consumação/ que tardaria três anos. Assim foi [...]" (p. 39). Assim, a tônica de *Ciclópico Olho* é a busca do eu em direção à visão que "O Olhar cria o que vê. A alma olha para dentro/ E distingue o incriado./ Com o ciclópico/ Só a alma vê/ O que não está para ver-se" (p. 111). Isto é, o discurso que surge na superfície do poema é um exercício do eu que, para se objetivar no mundo, precisa mergulhar (se interiorizar), (se buscar) nos discursos que o rodeiam. Assim, o que conhecemos nos poemas de Horácio Costa são as inquietações vivas de um sujeito que renasce a cada leitura. Ressalte-se ainda que a mundividência desse sujeito está amparada em si mesmo, já que as instituições em geral nas quais e por meio das quais ele poderia se subjetivar, já não lhe fazem sentido, como vimos no primeiro excerto reproduzido acima. Família e nação já não lhe servem como parâmetro na constituição de si, restando-lhe apenas seu corpo, seus desejos e seus afetos que se compõem, não por menos, sob o signo do desejo homoerótico que lhe proporciona uma visão peculiar das referidas instituições, assim como da arte institucionalizada.

No percurso de leitura dos quarenta e quatro poemas – divididos em cinco seções, sendo elas: Rumos; Cinzas; Meteoros; Vidros; *Ciclópico Olho* – sugerido pelo poeta, logo de início nos deparamos como uma "Nota preliminar", uma espécie de advertência ao leitor a respeito dos poemas seguintes. Nela, o autor (ou já seria o sujeito poético?) faz alusão às datas em que os poemas foram escritos, variando de 1996 a 2004, com a exceção de um dos poemas, "Ruptura", escrito em 1993. Essa seleção remonta ao peculiar momento de retorno e restabelecimento em sua terra natal, depois de seu exílio, iniciado no começo da década de 1980. Dessa forma, regressar faz com que ele se depare com problemas os quais, teoricamente, já teria resolvido, tais como família, amores e pertencimento ou não a uma nação, uma vez que já tinha



se assumido “cidadão do mundo”, tendo apenas a memória para aproximá-lo de um passado que não lhe trazia boas lembranças. Assim, a história de vida do poeta não se recorta em um ou por um ambiente doméstico, mas, sim, localiza-se no seio da história mundial que passa a ser a sua também. Isso é evidente em “Rumo a Aquilea” no qual o eu que se enuncia no poema vai ao encontro das ruínas do Império Romano, conseqüentemente de si mesmo, ao mesmo tempo em que busca fugir dos clichês das cidades tradicionais italianas, tendo em Veneza a referência para o nojo.

Feita a advertência a respeito da localização temporal dos poemas, a organização encontrada pelo leitor é temática, diferente de *Ravenalas* (2008) cujos poemas foram escritos entre 2004 e 2008, sendo, portanto, posterior a *Ciclópico Olho*, mas lançado antes, isso, segundo o próprio poeta, “por querer dar a conhecer antes o meu modo escritural posterior a esse retorno – tão difícil e extasiante como soem ser tais experiências”. No livro de 2008, o poeta preferiu deixar à mostra para o leitor rastros de seu processo criativo, indicando que o ordenamento dos poemas na obra era tal qual tinha se dado a escritura deles, omitindo, portanto, o papel de editor de seus próprios.

À medida que se analisa o livro de Horácio Costa, fica clara a inquietação do poeta diante de imagens, figuras e leituras cristalizadas pela “alta cultura”. De forma que o poema “Sobre o Retrato de Alof de Wignancourt, de Caravaggio”, serve como base para que visualizemos como o poeta desestabiliza uma leitura tradicional de uma tela de Caravaggio, na qual o pintor barroco tratou um nobre francês, visando à representação não apenas do homem, mas de toda a aura de poder involucrada naquela figura.

No poema, ao observar a imagem construída por Caravaggio, o eu-lírico não se contenta em apenas observar e descrever a imagem, passando a travar um diálogo com a figura observada, o que culmina na fusão do sujeito poético à imagem, chegando a ser uma reflexão acerca dos processos de leitura “Observe os pés: os meus tão delicados quanto a leitura/ Estão calçados de pelica, aquilo que nos rouba/ a vida [...] Observa agora os seus pés. Digo, os próprios pés:”(p. 22). Aqui, o poeta nos chama a atenção para que, como leitores, tenhamos em nosso horizonte o lugar de onde falamos para não reproduzir comentários esvaziados e repetitivos que produzem a rarefação dos discursos, tal qual afirmou Foucault em suas discussões sobre a função autor.

O eu-lírico, em uma leitura que se propõe original, interpe-la o outro que no caso pode ser a figura de Alof de Wignancourt,



ou Caravaggio, ou até mesmo o leitor, para trocar o confortável lugar de poder “Agora faça de conta/ o contrário. O teu bastão de comando/ esvai-se com esta página [...]”. No entanto, o esse eu recusa a manutenção do *status quo* que esvazia uma obra de arte, quer como leitor, quer como reproduzidor de histórias. Prefere o *nonsense* ao esvaziamento “Estaria bem, não? Reproduzir/ uma historieta. No pasto, os cogumelos./ Nas travessas, os travestis. Como o bundão,/ o que morreu na saison passada. Ele sim que dava./E parecia-se com a Rainha Silvia/ Da Suécia” (p. 24). Assim, nesse poema, uma linguagem rápida e fluida, permeada de referências a leituras canônicas que se tornam simulacros de uma obra de arte, é descartada como procedimento criativo para Horácio Costa, ao aproximar figuras ditas elevadas à imagem de uma travesti que, inclusive, parecia a Rainha da Suécia.

Ainda que seja bastante tensa e tênue a relação do sujeito poético com as artes e o mundo que o rodeia, *Ciclópico Olho* é também resultado de uma escrita intimista, na qual o eu se debruça sobre si e sobre sua história de forma objetiva, dando-nos a conhecer as eleições de um sujeito empírico que passam também pela questão da homossexualidade do poeta. Seria possível comentar que é essa a cicatriz que o sujeito poético diz trazer dentro de si e que ninguém vê, mas que altera a forma com que ele enxerga o mundo? Provavelmente. Pensando nessa chave de leitura para os poemas de *Ciclópico Olho*, seria, então, o poeta o próprio Polifemo, personagem retirado da tradição clássica e retomado pela poesia de Luís de Góngora, que a despeito de sua imagem assustadora por ser um gigante de um olho só, apaixona-se por uma ninfa. E dessa paixão não correspondida, desse desejo impossível de se realizar, não há frutos. O ciclope, inclusive, numa das versões clássicas que o citam, sai com seu único meio de visão machucado pelo aço da espada de Ulisses, passando a carregar essa cicatriz. No entanto, diferente do ciclope o poeta nos diz que “Aço e veludo. Assim o bom/ Sexo/ (o ato, I mean)/ Entre desiguais./ Do conúbio de dois homens/ Não nasce Sêmele,/ Cujo nome fica na memória/ Por a sêmen parecer-se” (p. 24).

Ainda à esteira da enunciação do desejo homoerótico, o poema “No pacífico” é um exercício do eu-lírico-Polifemo em olhar para si e contar com a memória para reviver fatos para justificar uma das cicatrizes que o marcaram. Nesse poema, todo o desejo do eu é revelado por Manuel. O eu disputava o amor de Manuel com o cavalo. No entanto, ele chega à conclusão de que a justaposição de seu amor e do objeto de devoção



do outro, e da paisagem que era atemporal e não muito bem localizada no espaço era a perfeição. A perfeição encontrada por ele só na memória. Perfeição da qual ele se apartou no tempo e espaço, haja vista que escreve o poema no Brasil, no ano de 2001, e Manuel, seu grande amor, já estava morto. A imagem desse amor aparece em outros poemas, mas não cabe aqui explorarmos isso.

Aproveitando ainda a chave do homoerotismo como leitura para *Ciclópico Olho*, o poema "Ruptura" demonstra uma das formas pelas quais o sujeito contemporâneo consegue se constituir, isso a partir da exploração daquilo que lhe é inerente, particular, próximo e plausível como parâmetro: o corpo e o desejo. "Ruptura" é, assim, uma clara referência ao sexo anal – já que foi escrito por um poeta em cuja obra a homossexualidade é uma importante chave de leitura – por que não uma referência ao ato sexual entre dois homens?

RUPTURA

(sobre um quadro de Arcangelo Ianelli)

São duas formas vermelhas
a da esquerda começa lentamente a mover-se
e faz espaço para que os marrons do fundo,
magma, crosta e ferida circunstante
algo supernal
ganhe mais espaço
e vire fenda
por onde penetram já tudo aquilo que por anos
esperava um movimento.
São duas formas, formas sangrantes
(qual primeiro a que sentiu
Um frêmito em seu ventre?)
E a da esquerda, lentamente,
Começa a ir-se, através
de uns poucos inexoráveis graus de diferença.
Rompido o monólito cor de sangue
E de paixão, agora, as formas, duas,
São autônomas (autômatos?) (p. 86).

Fechar essa apresentação sobre o livro de Horácio Costa, lançado em 2011, com "Ruptura" é uma forma de mostrar como o poeta busca não apenas desestabilizar o cânone artístico, mas



também mostrar como ele, a partir das escritas de si, acaba por desestabilizar a representação binária de gênero. Se pudéssemos resumir em uma única palavra o conteúdo do livro, arriscaríamos dizer que “desestabilizar” seria a mais adequada para descrever poemas que refletem a passagem, a volta, o trânsito de um sujeito que vê, após longa data, sua vida voltando aos espaços que não mais se parecem com o que deles guardou sua memória. Cabia a ele desestabilizar os lugares-comuns que a memória viciada lhe proporcionava com certo saudosíssimo. Esses “lugares viciados” que o poeta revisita servem também para as artes com as quais dialoga ao longo do livro. A prática da leitura, como se viu acima, não é algo que deve restringir a potência de uma obra de arte, mas, sim, serve para libertá-la e possibilitar que viva em outras pessoas e não como os comentadores geralmente fazem, esvaziando o sentido do texto, aqui entendido no sentido *lato*. Nesse escopo, “Ruptura” vem nos mostrar a potência do corpo e da palavra poética de Horácio Costa, para quem a língua portuguesa nem sempre é o suficiente para expressar o que pensa e sente, e o poder de transgredir e desestabilizar.

Notas

.....
* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP).

¹ COSTA, Horácio. *Ciclópico Olho*. São Paulo: Annablume, 2011 (Selo Demônio Negro).